

A DISCURSIVIDADE ENUNCIATIVA APLICADA NA LEITURA E ANÁLISE DE UM (RE)CONTO DOS “TRÊS PORQUINHOS”

Simone Beatriz Cordeiro Ribeiro – simonebcr@yahoo.com.br

Doutora em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Professora da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

RESUMO: O presente texto, por meio da Análise Dialógica do Discurso, procura fazer uma leitura e uma explanação teórica sobre o gênero discursivo (re)conto, tendo como base alguns conceitos bakhtinianos, como o gênero discursivo, o julgamento de valor, a entoação e os interlocutores. Para tanto, primeiramente discutiu-se o que seriam os gêneros discursivos de acordo com Bakhtin (2003), Bakhtin/Volochínov (2006) e alguns de seus explicadores, como Machado (2008), Rodrigues (2005) e Marcuschi (2005, 2007). Uma vez que o (re)conto consiste em uma recontagem de um conto, serviu de base teórica sobre este as colocações de Costa (2008) e concernente à discussão sobre recontar histórias as de Marassi (2011) e Francisco (2012). Essa prática em análise é representativa do conto clássico Os três porquinhos, elaborada por uma menina de três anos e encontra-se disponível no *YouTube* em formato de áudio e vídeo. Nesse sentido, objetiva-se verificar como o juízo de valor, por ter uma forte presença, conduz à narrativa da história que se desenvolve por meio de entoações expressivas e marcantes que levam os porquinhos à condição final de “carne”, o alimento.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Dialógica do Discurso; Gênero discursivo; Julgamento de valor, entoação e interlocutor; (Re)conto.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo visa abordar alguns conceitos do Círculo de Bakhtin e aplicá-los em um gênero discursivo sob a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso. O texto elencado para discussão corresponde ao gênero discursivo (re)conto, uma vez que consiste na recontagem do gênero discursivo conto. A história narrativa em destaque, *Três porquinhos com final trágico: que tristeza, neh?*, é narrada por uma menina de apenas três anos e traz uma nova versão da história dos três porquinhos, uma versão considerada, como o próprio título propõe, trágica.

Para que o estudo se efetive, primeiramente, será realizada uma pequena explanação teórica, sustentada nos pressupostos bakhtinianos, considerando os gêneros discursivos. Referida discussão se desenrola por meio da exposição de alguns conceitos teóricos extraídos de obras do próprio Bakhtin (2003) e Bakhtin/Volochínov (2006 e 1976 [1926]), bem como das colocações propostas por alguns de seus explicadores, como Machado (2008), Marcuschi (2005, 2007) e Rodrigues (2005).

Como a história a ser analisada corresponde a um (re)conto, antes de expor suas características e práticas, desenvolveu-se uma abordagem introdutória ao gênero discursivo conto, haja vista que essa forma de o recontar uma história é uma inovação, e como tal, comprova a teoria bakhtiniana de que os gêneros se adaptam, se moldam e se alteram para atender aos pressupostos comunicativos vigentes. Posteriormente ao conto, expõe-se discursivamente no que vem a ser o (re)conto e como esta prática se efetiva discursivamente.

Em seguida, apresenta-se o *corpus* do estudo que consiste na escrita da história *Três porquinhos com final trágico: que tristeza, neh?*, de autoria de Alana Paulini. Como o texto elencado para o estudo encontra-se disponível em formato de áudio e vídeo, o mesmo foi transcrito para a leitura e apreciação. Enfatiza-se que, para ser considerada uma prática de recontar, é preciso que a narrativa se efetive enquanto gênero discursivo e contenha características básicas e elementos fundamentais da história clássica, ou seja, do conto que o precede.

Logo após o (re)conto são discutidos, de maneira sucinta, alguns conceitos bakhtinianos que irão sustentar a Análise Dialógica do Discurso que se desenvolve neste artigo. Diante do exposto, sequencialmente definem-se os conceitos de julgamento de valor, entoação e interlocutor, conforme Bakhtin/Volochínov (1976 [1926], 2006 [1929]).

Por fim, desenrola-se a análise do reconto a partir da Análise Dialógica do Discurso, levando-se em consideração os conceitos bakhtinianos referentes ao gênero discursivo, ao juízo de valor e sua relação como contexto imediato e social, bem como os recursos prosódicos, especificamente a entoação, que também parte destes pressupostos, e, ainda, o interlocutor a quem o texto se dirigiu e se dirige atualmente, em uma perspectiva de interlocutor real e virtual, a partir das colocações de Angelo, Zanini e Menegassi (2007) e de Menegassi (2007).

2 GÊNERO DISCURSIVO

Os gêneros discursivos como formas comunicativas são adquiridas por meio de processos interativos, isto é, pela interação entre sujeitos historicamente situados. São construídos socialmente e efetivados em práticas comunicativas cotidianas e variadas, visto que “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV 2006, p. 44). Isso ocorre porque “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Neste sentido, Machado destaca que “gêneros e discurso passam a ser focalizados como esferas de uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra” (MACHADO, 2008, p. 152). Sendo assim, os gêneros discursivos podem ser considerados como veículos que

possibilitam a comunicação entre os sujeitos que vivem em sociedade, uma vez que são eles quem conduzem e mediam a interação, possibilitando que as pessoas se entendam e progridam discursivamente em sociedade. Castro *et al.*, esclarece que os “gêneros são línguas em uso, são línguas vivas, são instrumentos de comunicação/interação. São instrumentos indispensáveis, todas as pessoas usam gêneros para se comunicar, para interagir” (CASTRO *et al.*, 2009, p. 651).

Diante disso, para que o discurso seja eficaz, as escolhas precisam ser eficientes, tendo em vista que cada gênero discursivo se estabelece por uma esfera comunicativa própria e como são frutos de um processo coletivo, os gêneros, “contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia” (MARCUSCHI, 2007, p. 19).

Sobre a diversidade e a riqueza dos gêneros do discurso, Bakhtin esclarece que ambas

[...] são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada grupo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Ou seja, a diversidade está presente, uma vez que os sujeitos atuantes em sociedade se comunicam e evoluem constantemente, e a cada desenvolvimento os gêneros podem ou acabam sendo modificados, adaptados, recriados ou extintos, visto que, assim como surgem, também podem desaparecer, e isso ocorre em virtude do uso que se fazem deles. No caso do desaparecimento do gênero, a extinção se efetiva “pela ausência das condições sociocomunicativas que o engendram” (RODRIGUES, 2005, p. 166).

No entanto, como coloca Marcuschi, “quanto mais um gênero circula, mais ele é suscetível de mudanças e alterações por se achar estreitamente ligado a uma moldagem social” (MARCUSCHI, 2005, p. 25), ou seja, nem sempre um gênero acaba desaparecendo por conta do seu desuso; pode ocorrer que em decorrência do uso efetivo do mesmo ocorra uma adaptação ou modificação com o intuito de atender a outras necessidades comunicativas, como é o caso do *e-mail* que tem substituído consideravelmente a prática de escrever cartas e postá-las via correio, sem contar que a tecnologia conduz as informações de maneira mais rápida.

Nessa perspectiva, considerando que o gênero é a realidade da língua e que esta se efetiva por meio de enunciados, encerra-se esta discussão conceitual com uma citação de Bakhtin, em que o autor equipara o enunciado ao gênero discursivo: “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2003, p. 262 – grifos do próprio autor). Excerto que define muito bem o que são os gêneros discursivos na perspectiva dialógica do discurso.

2.1 O PRECEDENTE: O CONTO POPULAR “ERA UMA VEZ...”

De maneira substancial, o gênero discursivo conto corresponde a um texto curto, haja vista a sua “configuração material narrativa pouco extensa” (COSTA, 2008, p. 67). Segundo o autor, a limitação extensiva e a sintetização do conto tem respaldo em suas “origens socioculturais e circunstâncias pragmáticas. Ele tem origem nos casos/causos (v.) populares [...] que, com sua função lúdica e moralizante, tanto seduziam e seduzem o auditório presencial dos contadores de casos das comunidades” (COSTA, 2008, p. 67).

Dentre as características do conto, destacam-se “(i) número reduzido de personagens ou tipos; (ii) esquema temporal e ambiental econômico [...]; (iii) uma ou poucas ações, concentrando os eventos e não permitindo intrigas secundárias [...]; e (iv) uma unidade de técnica e de tom [...]” (COSTA, 2008, p. 67). Neste último elemento, verifica-se que o personagem, o tempo e o espaço se fundem em uma fração sedutora e dramática (COSTA, 2008).

O autor ainda aborda que existem características pragmáticas que diferenciam o conto popular, aquele que começa com “Era uma vez...” do conto literário, como a origem: camadas populares e não letradas; emissão/produção: sujeito coletivo, discurso anônimos, geralmente oriundos da tradição e cultura de um povo e que são legitimados pela comunidade; recepção: interlocutor coletivo que restringe as inovações de cunho individual; temática: diversa e imensa: de animais, encantamentos, maravilhosos, entre outros; e ingredientes: principalmente a irracionalidade, como animais que falam (COSTA, 2008).

Em si, o conto popular, é uma “herança de crenças e mitos primitivos que se adaptaram a novos contextos culturais” (COSTA, 2008, p. 67). E formas introdutórias como o “Era uma vez...” estabelecem ao “conto um caráter de permanência temporal (passado e atual), além de colocá-lo no mundo ficcional” (COSTA, 2008, p. 68).

2.2 A INOVAÇÃO: O (RE)CONTO

Segundo o *Dicionário Online de Português*, (re)conto corresponde ao ato de recontar, ou seja, de contar novamente, de novo. Trata-se de uma reconstrução da história lida ou ouvida por parte do leitor/ouvinte, geralmente, marcada por idiosincrasias próprias do sujeito criador/produzidor/narrador. Marassi (2011), ao apresentar algumas orientações didáticas sobre como planejar a *contação* de história e (re)conto, esclarece que ao se recontar uma história a criança tem a possibilidade de se expressar por via oral, ao mesmo tempo em que organiza “o pensamento apoiada por uma história já conhecida. No reconto as ideias da criança fundem-se a história,

permitindo que ela crie, pense e sinta numa espécie de ‘faz de conta literário’” (MARASSI, 2011, p. 1).

Ainda, de acordo com a autora, ao se recontar uma história existe a possibilidade de mudança de partes constituintes da história original, tendo em vista que é possível elaborar ou criar novos finais, pois pode misturar “suas ideias ao contexto da narrativa” (MARASSI, 2011, p. 1).

No material intitulado *Cadernos da Rede*, que trata da leitura e do reconto, é possível observar que existe uma relação entre o ler, o narrar e a cultura, visto que a “experiência humana de narrar – e de ler – é um dos modos pelos quais nos apropriamos da cultura a fim de que, num segundo momento (e quase que paralelamente), possamos ser também produtores de cultura, [...]” (SÃO PAULO, 2010, p. 8).

Diante disso, pode-se dizer que esta relação entre ler e contar histórias ficcionais ou reais “constitui uma experiência humana fundamental para sentir-se parte de um grupo, de uma cultura e ter identidade própria. (SÃO PAULO, 2010, p.7). E a criança, ao valer-se dessa prática de narrar um conto e recontar, se posiciona como sujeito atuante na sociedade, expõe seus pontos de vista – mesmo que influenciada pela cultura que a envolve e torna-se, como destaca o material *Cadernos da Rede*, um produtor de cultura.

Contudo, para que esta interação ocorra é fundamental que o (re)contista conheça o gênero discursivo e a história original do qual vai se valer em sua reconstrução. Francisco (2012) esclarece que no reconto é preciso haver a percepção, que é resultante da narrativa, associada aos elementos imaginados no transcorrer da narração, isto é,

[...] à execução de um reconto, é fulcral que o aluno seja capaz de selecionar, reorganizar e reutilizar a informação fornecida no texto em estudo. No reconto de um texto narrativo, o aluno tem de conhecer as características, propriedades e estruturação do texto lido assim como perceber qual o encadeamento e sucessão de acontecimentos que ocorrem ao longo do espaço e do tempo, percecionando a relevância de uns episódios da narrativa, em detrimento de outros (FRANCISCO, 2012, p. 37-38)¹.

Neste sentido, o fato de dominar e conhecer as estruturas e características do gênero é imprescindível para desenvolver a narrativa dessa forma de recontar uma história, bem como o entendimento da história precedente, seus personagens, elementos e ações principais, uma vez que na prática do recontar a história, as crianças ou “os alunos começam por se apoiar em elementos

¹ No transcorrer do texto utiliza-se o termo criança e não aluno, como coloca Francisco. A opção resulta na tentativa de manter uma relação mais próxima com a narradora do reconto a ser analisado, que consiste em uma menina de três anos e que não se sabe se já frequenta a escola. Mas as formulações de Francisco se encaixam adequadamente para subsidiar a explanação referente ao gênero discursivo reconto e quando se vale do léxico aluno está fazendo referência a uma prática de sala de aula.

do texto que consideram importantes de modo a criar uma nova história. Afinal, o reconto não se trata de uma repetição do texto lido, mas da reconstrução de uma história por parte do aluno” (FRANCISCO, 2012, p. 37).

2.3 O GÊNERO DISCURSIVO (RE)CONTO: O *CORPUS*

A seguir será apresentada uma versão escrita do (re)conto produzido oralmente por Alana Paulini, em formato de áudio e vídeo, disponível no *site* do *youtube*, publicado no dia 29 de agosto de 2013. Segundo informações postadas logo após o vídeo, a menina que reconta a história dos três porquinhos tem apenas três anos. O vídeo acabou chamando muita atenção em decorrência do final diferente e trágico elaborado, bem como, por sua performance prosódica entoacional, haja vista que no transcorrer da história a narradora vale-se, discursivamente, da entoação para dar vida e emoção ao seu reconto.

A escrita do (re)conto de Alana² pode ser visualizada no Quadro 01:

Quadro 1 – Escrita do áudio-vídeo

Três porquinhos com final trágico: que tristeza, neh?³

[...] Era uma vez os três porquinhos. Eles... fazer uma casinha. Mas o lobo queria pega tudo mundo, ahhhhhh. Pegou três porquinhos, levaram pra casa e consertaram ele e viraram... nada... viraram só... carne!... Que triteza, né?⁴
(fala da mãe):
– Que que aconteceu com os três porquinhos?
– Viraram carne!... há, há.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=IFDPQ2ut9EU>

Com um total de 262.750 acessos, verificados quando da pesquisa em 01 de novembro de 2013 e 1.095.949 visualizações em 16 de setembro de 2017, a narração de Alana conta com a admiração dos internautas, que riem principalmente com o final da história, ou melhor, com o fim trágico dos porquinhos ao viram carne.

A seguir, no Quadro 02, apresenta-se uma tentativa de expressar as emoções da narradora ao contar a história, com o objetivo de proporcionar uma melhor compreensão àqueles que não podem ter acesso imediato ao vídeo:

² Como o reconto está disponível em áudio e vídeo foi realizada a escritura da história para apresentar neste artigo.

³ Os 29 (vinte e nove) primeiros segundos não foram transcritos, porque o reconto em si inicia logo após esta fração de tempo.

⁴ Procurou-se durante a narração manter a escrita das palavras conforme foram pronunciadas pela narradora.

Quadro 2 – Escrita do áudio-vídeo (2)

[...] (a narração da história dos três porquinhos inicia aos 29 segundos): Era uma vez os três porquinhos. Eles (pausa) fazer uma casinha. Mas o lobo (feição de atenção, respiração funda e olhos arregalados) queria pega tudo mundo (a mesma feição agora com a testa enrugada, olhar de mau e ênfase no gritinho), ahhhhhh. Pegou três porquinhos, levaram pra casa e consertaram ele e viraram (feição de tristeza)... nada... (feição e olhar de tristeza) viraram só... carne!... Que tritrezza, né? (fala com olhar triste, mas na verdade querendo sorrir, porém tenta manter a seriedade. Provavelmente ocorre esta alteração de emoções pelo fato da mãe estar tentando segurar o riso).

(fala da mãe – início de riso contido):

– Que que aconteceu com os três porquinhos? (mãe já rindo)

– Viraram carne! (feição mais alegre e risonha)... há, há.

Fonte: <http://www.youtube.com/watch?v=IFDPQ2ut9EU>

3 ALGUNS CONCEITOS BAKHTINIANOS: JULGAMENTO DE VALOR, ENTOAÇÃO E INTERLOCUTOR

De acordo com Bakhtin/Volochínov, um julgamento de valor “determina a *própria seleção do material verbal e a forma do todo verbal*” (1976 [1926], p. 7 – grifos dos próprios autores). Uma vez que corresponde à maneira de pensar e de falar, os juízos de valor conduzem os sujeitos constituintes da interação em suas escolhas, seja por meio de uma palavra ou de um todo verbal. Por serem “atos sociais regulares e essenciais” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1976 [1926], p. 6), não correspondem às emoções individuais, pois são condicionados pelo outro, pela sociedade.

Neste sentido, “um julgamento de valor social que tenha força pertence à própria vida e desta posição organiza a própria forma de um enunciado e sua entoação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1976 [1926], p. 7). Esta relação entre o juízo de valor e a entoação demonstra que ambos estão interligados, pois a entoação

[...] só pode ser compreendida profundamente quando estamos em contato com os julgamentos de valor presumidos por um dado grupo social, qualquer que seja a extensão deste grupo. *A entoação sempre está na fronteira do verbal com o não-verbal, do dito com o não-dito.* Na entoação, o discurso entra diretamente em contato com a vida. E é na entoação sobretudo que o falante entra em contato com o interlocutor ou interlocutores – a entoação é social por excelência. Ela é especialmente sensível a todas as vibrações da atmosfera social que envolve o falante. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1976 [1926], p. 7-8 – grifos do próprio autor).

Ou seja, um julgamento de valor consistente precisa estar sustentado por um grupo social. Do contrário, ao partir de uma perspectiva individual não se aplicará, pois os sujeitos da interação verbal não compartilharão desse modo de pensar e agir, e o discurso não se relacionará com a vida e nem mesmo a entoação será compreendida, posto que “a entoação não se integra no conteúdo

intelectual, objetivo, da construção. Quando exprimimos os nossos sentimentos, damos muitas vezes a uma palavra que veio à mente por acaso uma entoação expressiva e profunda” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 139), que para ser assimilada pelo outro precisa ser compreendida por este. Sendo assim, destaca-se que o “sentido do discurso não existe fora de sua acentuação e entoação vivas” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 198).

A entoação consiste em um termo próprio de Bakhtin, mas também se verifica que a existência do termo entonação. Este corresponde ao oral, ao ato de ler com entonação, distinguindo personagens por meio de diferentes vozes e expressões; enquanto que a entoação corresponde a tudo isto e ainda engloba o mental, pois meche e mobiliza com a imaginação daquele que conta e daquele que ouve, posto que ao estabelecer “um elo firme entre o discurso verbal e o contexto extraverbal – a entoação genuína, viva, transporta o discurso verbal para além das fronteiras do verbal, por assim dizer” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1976 [1926], p. 7).

Como já discutido, o julgamento de valor e a entoação não podem se desenvolver satisfatoriamente se não estiverem relacionados com o contexto imediato da interação. Neste caso, Machado chama à atenção à entoação expressiva e a sua relação com o enunciado, uma vez que por ser uma parte específica deste, “não pode ser cogitada fora dele. É isso que confere ao gênero discursivo o caráter não de uma forma linguística, mas de uma forma enunciativa que depende muito mais do contexto comunicativo e da cultura do que da própria palavra” (MACHADO, 2008, p. 158). Bakhtin/Volochínov destacam que o grau mais evidente e também “o mais superficial da apreciação social contida na palavra, é transmitido através da *entoação expressiva*. Na maioria dos casos, a entoação é determinada pela situação imediata e freqüentemente por suas circunstâncias mais efêmeras” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 128), ou seja, pelo contexto de enunciação.

Os autores ainda destacam que é este contexto de enunciação que possibilita a interlocução entre locutor e interlocutor, pois não há como haver interlocução sem enunciação, isto é,

[...] qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas condições reais da enunciação em questão, isto é, antes de tudo *pela situação social mais imediata*. Com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 116).

No que diz respeito ao(s) interlocutor(es) do discurso, Bakhtin/Volochínov (2006), esclarecem que sempre haverá um interlocutor em potencial a quem o locutor se dirige expressivamente. Não há como interagir verbalmente sem interlocutor, não há como dizer algo a ninguém.

Os estudiosos esclarecem que em alguns casos tem-se o interlocutor real, que corresponde aquilo que é palpável, possível de visualização, e o interlocutor virtual, definido como passível de existência, aquele ao qual o discurso realmente se destina, ou seja, no vestibular a banca de correção da redação representa, para o candidato, tanto o interlocutor real como o virtual. A delimitação do interlocutor é importante, pois é ela quem “aponta o tipo de linguagem empregada no texto, a maneira de expor o assunto, em virtude do gênero escolhido e do lugar de circulação, conduzindo o autor a uma construção mais adequada do texto” (MENEGASSI, 2007, p. 3).

Angelo, Zanini e Menegassi (2007, p. 16) atestam que “nenhum texto é produzido sem interlocutor. Ao escrever, o autor sempre tem em mente a pessoa a quem o texto se destina, mesmo que esta pessoa não seja real, mas virtual”. Do mesmo modo, procede o falante/locutor em um texto de natureza oral, haja vista que em qualquer tipo de discurso é imprescindível que se considere o interlocutor, seja este real ou virtual.

Atesta ainda Menegassi que a “delimitação do interlocutor [...] permite ao aluno ter uma visão certa de quem é seu leitor” (2007, p. 3), ou seja, possibilita aos sujeitos discursivos visualizar a quem a sua produção, seja oral ou escrita, se destina. O conhecimento do destinatário do texto auxilia na produção escrita, bem como na prática discursiva oral, pois o enunciado elabora-se “em função do outro. Isso quer dizer que o autor/locutor sempre espera ser compreendido pelo leitor/ouvinte, de forma que elabora seu texto utilizando os recursos expressivos que julga serem pertinentes para que se estabeleça o diálogo entre” eles (OLIVEIRA; BENITES, 2009, p. 6).

Diante de todo o exposto, a seguir será realizada uma leitura e uma análise do reconto *Três porquinhos com final trágico: que tristeza, neh?*, de autoria de Alana Paulini, tendo como suporte os conceitos bakhtinianos destacados acima.

4 (RE)CONTANDO

A situação de (re)conto se dá em um momento em que a menina encontra-se deitada, provavelmente preparada para dormir, e, ao invés do tradicional: a mãe ou o pai contar-lhe uma história para dormir, ela, a criança, é quem conta uma história, porém, o faz a sua maneira. No transcorrer da narrativa é possível observar que muitas situações da história original são descartadas, no entanto, o foco do conto clássico se mantém: a construção das casinhas pelos três

porquinhos, a perseguição do lobo e o fim dos três porquinhos – escolha da autora do reconto dentre os possíveis finais dado a diferentes versões da história. Situação que corresponde ao que Bakhtin entende por linguagem, no sentido de que “uma linguagem é sempre uma imagem criada pelo ponto de vista de uma outra linguagem” (MACHADO, 2008, p. 161).

Como pode ser verificado na narrativa, a autora se posiciona frente a uma situação (morte dos porquinhos) e a uma condição (de criadora do final alternativo). Pode-se dizer que o ato de escolher, optar por uma coisa e não por outra, consiste em uma ação que parte de um julgamento de valor (Bakhtin/Volochínov, 1976 e 2006). Sendo assim, ao escolher o final e dar vida ao mesmo, partiu de um julgamento de valor próprio, mas que não deixa de ser condicionado por uma comunidade que a envolve, ou seja, formado por condições sócio-históricas que o engendram.

Neste sentido, pode-se dizer que o que determinou a escolha da autora pelo final trágico partiu de um julgamento de valor, tendo em vista que, ao invés de seguir o padrão e dizer que o Lobo Mau comeu os porquinhos ou que os levou para a panela⁵, a menina opta por valer-se da palavra “carne” que exemplifica o alimento do qual o lobo se valeu para saciar a sua fome e o que na verdade a imagem do porco representa para ela, um alimento, um tipo de comida.

Como coloca Bakhtin (2003), as palavras não são vazias, ocas em que cada um as preenche com o conceito ou significado que lhe convém, mas sim, são construções dialógicas cheias de sentido iguais e diferentes, sentidos que são resgatados por cada sujeito de maneira individual e coletiva, e que apenas se concretiza no contexto, ou seja, não podem ser simplesmente inventadas, pois são construídas nas interações dialógicas.

Provavelmente a menina estabeleceu esta relação do animal (suíno ou porco) com o alimento porque a carne suína faz parte de sua dieta alimentar, como pode ser visualizado em outro vídeo da menina: “Não como nenhuma pessoas, então o que você come???”⁶, em que afirma categoricamente que come carne de suíno. Compreende-se que para que este animal se torne carne, alimento, precisaria ser morto. A menina Alana não se vale da palavra morte para narrar a condição derradeira dos três porquinhos, contudo, ao dar ênfase na frase “Que tritreza, né?”, pode se dizer que a menina sabe que virando carne, não há volta para os porquinhos, o que a deixa, de certa forma, triste.

Observa-se que a palavra “carne” não foi pronunciada de forma aleatória, pois se verifica que a narradora valeu-se da entoação para caracterizá-la, isto é, percebe-se que a menina fez uma

⁵ Algumas versões da história dispõem o Lobo Mau como vitorioso e, outras, como o perdedor, ou seja, em determinada situação discursiva o lobo come os três porquinhos, e, em outras, ao entrar pela chaminé acaba tendo a cauda queimada ou é cozido.

⁶ Disponível no site: <http://www.youtube.com/watch?v=cBSx3SLa5Uc>

pausa antes de dizê-la e que demonstra em sua atitude narrativa que o faz com cara de tristeza. Bakhtin/Volochínov esclarecem que “qualquer entoação alegre, triste, de desprezo, etc. – pode livre e facilmente agir nesta palavra; tudo dependerá do contexto no qual ela ocorra” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1976 [1926], p. 7). E a constatação de tristeza se fortalece por meio da entoação da expressão linguística: “Que triteza, né?”.

Assim sendo, pode-se dizer que toda a narrativa da narradora Alana, por estar sustentada por um julgamento de valor, é também é entoacional, pois ademais de consistir em escolhas e seleções, é por meio da entoação que o juízo de valor encontra sua expressão de linguagem mais pura, conforme Bakhtin/Volochínov (1976).

A entoação, também, pode ser verificada na narrativa da menina a partir dos elementos expressivos, presentes tanto na voz (tons graves, baixos e altos, sussurros e risos) quanto nas feições (espanto, tristeza, alegria). São estas características que dão vida à contação da história e despertam a atenção do interlocutor ao visualizar o vídeo. Isso só é possível porque a história passou a ter sentido para a menina que parece ter penetrado na narrativa a ponto de concluir que os três porquinhos morreram, ou conforme suas próprias palavras: “viraram carne”.

A elaboração de um final alternativo, sustentado pela manutenção dos elementos principais e fundamentais do conto base, dão forma ao recontar a história, como destacaram Francisco (2012) e Marassi (2011). Do mesmo modo, correspondem a um julgamento de valor, ou seja, postulado pelo modo de pensar e de falar, segundo Bakhtin/Volochínov (2006).

Sendo assim, uma vez que o (re)conto narrado pela menina Alana apresenta entoação e o juízo de valor, pode-se dizer que o mesmo consiste em um enunciado, haja vista que enunciado é um texto que se tornou discurso, ou seja, que se materializou, e enquanto tal possui vozes a serem compreendidas e com as quais se devem dialogar (MARCHEZAN, 2006). Com base nesta abordagem, é possível dizer que o (re)conto da história dos três porquinhos, produzido pela menina, apresenta vozes a compreender e com quem dialogar, pois é possível resgatar a história tradicional: *Os três porquinhos* e os elementos que a compõe. O que faz com que não o confunda com o conto de fadas da *Branca de Neve*, por exemplo.

Ao alterar o final, a autora ao recontar se vale da estrutura composicional (Bakhtin, 2003) deste gênero discursivo e, por meio de uma situação mais contemporânea, narra o fim dos porquinhos de uma maneira inusitada, ou seja, os apresenta como um produto processado e acabado. O que demonstra que para compreender o enunciado da narradora é preciso estar em constante interação com o contexto imediato, atual da enunciação, ou seja, não há como desconsiderar o contexto a que o enunciado se remete, visto que possui um autor sujeito que se dirige para outro sujeito, tendo em vista que sempre existe “um interlocutor, ao menos potencial.

O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.16).

Neste caso, temos a autora do reconto, que ao dirigir-se à sua própria mãe para contar a história, automaticamente se dirige a outros interlocutores, mesmo que sem saber disso, uma vez que são seus pais quem postam o vídeo⁷. É nesta relação com o outro que o enunciado se concretiza e se torna discurso. É justamente a situação quem “dá forma à enunciação” (BAKHTIN, 2006, p. 118).

Nesta perspectiva de direcionamento na mãe como possível ouvinte de sua história, poder-se dizer que a figura materna é o interlocutor real da menina, o real, mas, ao postar o vídeo na internet, assim como outros desenvolvidos pela mesma protagonista, é possível entender que, sendo o vídeo produzido com intenções de circular na rede, por meio de postagem e visualização no *YouTube*, na verdade os interlocutores da Alana seriam os internautas. Assim, enquanto a mãe corresponde ao interlocutor real, os internautas correspondem ao interlocutor virtual (passível de existência), conforme conceituações de Bakhtin/Volochínov (1976 e 2006), uma vez que mesmo contando a história para a mãe que a gravou em vídeo, quem interagiu efetivamente com a narração foram os internautas.

Bakhtin/Volochínov (1976) afirmam que é a entoação quem possibilita a relação entre locutor e interlocutor, como também, é quem permite que o discurso penetre na vida. Tal situação de interação entre locutor e interlocutor ocorre, na forma de recontar a história, por meio da entoação utilizada pela autora do texto. Ambos reconhecem a história clássica e se valem da mesma para recontar e para compreender o novo enunciado. Dita relação de interação discursiva ocorre principalmente por meio do elemento trágico da história, que dá realce à narrativa e se registra como uma marca, ao passo em que se materializa como enunciado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, destaca-se que a leitura do (re)conto poderia ter sido sustentada por outros conceitos bakhtinianos, mas para o presente texto optou-se por apenas apresentar os referentes ao gênero discursivo, ao julgamento de valor, à entoação e ao interlocutor. E diante destes conceitos discursivos, observou-se que no (re)conto narrado pela menina o julgamento de valor está bem marcado, haja vista que ao elencar a palavra “carne” para representar o fim dos três porquinhos,

⁷ Não há informações de que a menina gravou o vídeo já sabendo que o mesmo seria postado na rede, nem mesmo que os próprios pais lhe explicaram o que iriam fazer com a gravação antes mesmo de iniciá-la. Como a menina possui outros vídeos, pode ser ela que sabia qual seria a finalidade do vídeo dos três porquinhos, mas não há como se afirmar isso apenas com base no próprio vídeo.

bem como a expressão linguística: “Que tritreza, né?” e as entoações prestadas durante a narrativa deixaram bem claras as suas intenções e apreciações sobre a narrativa da história e do fato ocorrido.

No que diz respeito aos interlocutores virtuais da narradora, foram esses elementos destacados acima que mais lhe chamaram a atenção e despertaram interesse pela história, mas não qualquer história, uma história com final trágico e narrada por uma criança de três anos.

Destaca-se que os conceitos analisados estão bem presentes na forma de recontar uma histórica e constituem a visão de mundo da menina inserida em um dado grupo social e discursivo, pois a narradora simplesmente não inventou o final da história do nada; ela partiu de conceituações e situações vivenciadas na comunidade e no seio familiar em que convive e pertence, como o próprio Bakhtin propõe, o julgamento de valor em conjunto com a entoação é fruto de um modo de pensar e falar social, coletivo, do contrário não teria chamado a atenção dos internautas, seus interlocutores virtuais, e nem mesmo teria conseguido obter o apreço dos mesmos.

6 REFERÊNCIAS

ANGELO, Cristiane M. P.; ZANINI, Marilurdes; MENEGASSI, Renilson J. O ensino de língua portuguesa numa perspectiva interacionista. In: MENEGASSI, R. J. (Org). **Interação e escrita: 1º Seminário de Ensino e Aprendizagem de Línguas**. Maringá: Departamento de Letras Editora, 2007, p. 1-18.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In. BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.p. 261-269.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1929].

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. Discurso na vida, discurso na arte: sobre poética sociológica. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. In: VOLOCHÍNOV, V. N. **Freudismo**. Trad. I. R. Tiotunik. New York: Academic Press, 1976 [1926]. (Circulação para uso didático).

CASTRO, Antonilma S. A. *et al.* **A dissertação no vestibular da UEFES: gênero ou tipo?** Disponível em: <<<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/port/21.pdf>>>. Acesso em maio de 2009.

COSTA, Sérgio R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FRANCISCO, Juliana D. P. **O reconto escrito – um estudo realizado com alunos do 3.º ano**. 2012. 292 f. Relatório de Estágio (Departamento de Educação) – Universidade de Aveiro, Portugal. Disponível em <<<http://ria.ua.pt/bitstream/10773/9828/1/disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>>> Acesso em nov. de 2013

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 151-166.

MARCHEZAN, Renata C. Diálogo. In BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p.115-131.

MARASSI, Irene R. Orientações didáticas: Planejando a Contação de histórias e o Reconto. In **Diário de um formador**. Postado dia 28 de outubro de 2011. Disponível em <<<http://registrosdeumformador.blogspot.com.br/2011/10/contacao-de-historias-e-reconto-o-que-o.html>>> Acesso em nov. de 2013

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M. *et al.* (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê, 2005, p. 17-33.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P. *et al.* (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 19-36.

MENEGASSI, Renilson J. Professor e escrita: a construção de comandos de produção de textos. In: MENEGASSI, Renilson José (Org.). **Interação e escrita: 1º Seminário de Ensino e Aprendizagem de Línguas**. Maringá: Departamento de Letras Editora, 2007, p. 1-25.

OLIVEIRA, Patrícia C. de; BENITES, Sônia A. L. As concepções de linguagem e o ensino da produção textual. CELLIP: Pesquisa em Língua e Cultura na América Latina, 19., 2009, Cascavel, PR. **Anais...** Cascavel, 2009, p. 1-7.

RECONTO. In **Dicionário Online de Português**. Disponível em <<<http://www.dicio.com.br/reconto/>>> Acesso em nov. de 2013

RODRIGUES, Rosângela H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 152-183.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Cadernos da Rede: Percursos de aprendizagens: leitura e reconto - A Rede em rede: a formação continuada na Educação Infantil / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2010.** Disponível em: <<http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Regionais/109100/Documentos/DOT%20-%20P/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil/Fasc%C3%ADculo2_Leitura_novo_corrigido.pdf>> Acesso em nov. de 2013

TRÊS PORQUINHOS COM FINAL TRÁGICO: (que tristeza neh?). História narrada por Alana Paulini e postada por Marcel Paulini, em 29 de agosto de 2013. In **Youtube**, 2013, 1min10seg. Disponível em <<<http://www.youtube.com/watch?v=1FDQP2ut9EU>>> Acesso em out. de 2013.

NÃO COMO NENHUMA PESSOAS, ENTÃO O QUE VOCÊ COME???. História narrada por Alana Paulini e postada por Marcel Paulini. In **Youtube**, 2013, 45 seg. Disponível em <<<http://www.youtube.com/watch?v=cBSx3SLa5Uc>>> Acesso em out. de 2013 e set. de 2017.

Title

Utterance and discursivity applied in reading and analysis of a retell from “Three little pigs”

Abstract

Through the Dialogic Discourse Analysis, this paper seeks a reading and a theoretical explanation about retelling, having basis on some Bakhtinian concepts such as speech genres, judgment values, intonation and interlocutors. To do so, it was discussed what the discursive genres, according to Bakhtin (2003), Bakhtin/Volochinov (2006) and some of its exponents, as Machado (2008), Rodrigues (2005) and Marcuschi (2005, 2007), would be. Since retelling consists of telling (a story) again or differently, the theoretical basis for this placements was based on Costa (2008) and, concerning the discussion of retelling the stories, on Marassi (2011) and Francis (2012). This practice analysis is a representative of the classic tale “The Three Little Pigs”, written by a three-years-old girl and is available on *YouTube* in audio and video format. Thus, the aim is to verify how the judgment value, a lot present in the tale, leads the telling of a story that develops through expressive and striking melodies and that also take the piglets to the final condition of “meat,” the food.

Keywords

Dialogic Discourse Analysis, Speech Genres; Judgment Value, intonation and interlocutor; Retelling.

Recebido em: 16/09/2017

Aceito em: 21/12/2017